

Irmãs de Verão

Judy Blume

ASA

ÍNDICE

PRÓLOGO	
Verão de 1990	9
PARTE UM	
A Rainha do Baile 1977-1980	15
PARTE DOIS	
Êxtase 1982-1983	129
PARTE TRÊS	
Somos o Mundo 1983-1987	195
PARTE QUATRO	
Tivemos Quase Tudo 1987-1990	253
PARTE CINCO	
A Noite Roubada 1990-1995	303
EPÍLOGO	
Verão de 1996	345

PRÓLOGO

Verão de 1990

A cidade ferve numa onda de calor de verão que chegou demasiado cedo e, pelo terceiro dia consecutivo, Victoria vai comprar uma salada ao mercado coreano da esquina e almoça sentada à secretária. Maia, a sua companheira de casa, diz-lhe que ela está a pôr a vida em risco ao comer num sítio que só serve saladas. Se as bactérias não derem cabo de ti, serão os conservantes a dar, é o que diz. Victoria reflete nas palavras de Maia enquanto rói uma cenoura e rabisca notas para seu próprio uso, numa reunião que vai ter em breve com um cliente que procura uma empresa de relações públicas que dá vantagens. Toda a gente quer ter a vantagem. Se disser aos clientes que têm vantagem, ficam a adorar.

O telefona toca e Victoria agarra-o. Está à espera de um telefonema do produtor de segmentos de *Regis e Kathie Lee*.

– Fala Victoria Leonard – anuncia, com voz firme e profissional.

– Vix?

Victoria surpreende-se ao ouvir a voz de Caitlin no outro lado da linha e por instantes apoquentam-se por poderem ser más notícias, porque Caitlin só telefona à noite e normalmente tarde, acordando-a muitas vezes de um sono profundo. De qualquer modo, até já passaram alguns meses desde que haviam falado pela última vez.

– Tens de vir cá – diz Caitlin. Está a utilizar a voz aspirada de princesa, que aprendeu na Europa e que a situa entre Jackie Onassis e a princesa Diana. – Vou casar-me em casa do Lamb, na Vineyard.

– Vais casar-te?!

– Vou. E tu tens de ser a minha dama de honor. É natural, não é?

– Acho que isso vai depender da pessoa com quem te vais casar.

– Com o Bru – responde Caitlin e já parece ela, outra vez. – Vou casar-me com o Bru. Pensei que soubesses.

Victoria esforça-se por engolir e por respirar mas sente-se suada e demasiado fraca para isso. Pega na lata fria de *Coca Cola Light* que tem num canto da secretária e leva-a à testa, fazendo-a depois descer até ao pescoço enquanto anota o dia e hora do casamento. Circunda os números com um risco enquanto vai ouvindo Caitlin até o papel estar completamente cheio de flechas, crescentes de lua e triângulos, como se estivesse outra vez no sexto ano.

– Vix? – pergunta Caitlin. – Ainda aí estás? A ligação está má ou quê?

– Não, está tudo bem.

– Portanto, vens?

– Claro. – E assim que desliga corre para a casa de banho das mulheres onde vomita tudo o que tem no estômago. Tem de telefonar a Caitlin para lhe dizer que não há nenhuma possibilidade de ela o fazer. Que é que Caitlin está a pensar? E o que é que ela própria pensou quando disse que sim?

Quatro semanas mais tarde, com o cabelo a voar ao vento, Caitlin acolhe Victoria no minúsculo aeroporto da Vineyard. Victoria é a última pessoa a sair do avião que faz a ligação com o aeroporto principal de LaGuardia. Avistou Caitlin da janela do avião assim que aterraram mas sentiu-se colada ao assento. Já não se veem há mais de dois anos e foi há três que Victoria terminou o curso e, recém-saída da universidade, se meteu logo na vida real, com um emprego e só duas semanas de férias por ano. E sem dinheiro para andar a passear de avião. *Caraças!*, como Lamb dizia quando eram miúdas.

– Continua a viagem para Nantucket conosco? – pergunta a hospedeira de bordo e Victoria percebe, de repente, que já saíram todos os passageiros do avião. Embarçada, pega no saco de viagem e desce para a pista. Caitlin vê-a no meio da multidão e acena-lhe freneticamente. Victoria vai ao seu encontro, a abanar a cabeça porque Caitlin tem uma *T-shirt* que diz *Simplifica, simplifica, simplifica*. Está descalça como é costume e Victoria pensa que deve ter os pés tão sujos como era habitual naquele primeiro verão.

Caitlin mantém-na por instantes à distância dos seus braços estendidos.

– Meu Deus, Vix... – diz –... tu pareces tão... adulta! – Riem-se ambas e depois Caitlin abraça-a. Cheira a água salgada, a loção bronzeadora e a outra coisa qualquer. Victoria fecha os olhos, inspirando o cheiro que lhe é tão familiar e, por momentos, é como se nunca se tivessem separado. Ainda são Vixen e Cassandra, irmãs de verão para sempre. Tudo o resto é um erro, uma piada de mau gosto.

PARTE UM

A Rainha do Baile
«*Dancing Queen*»
1977-1980

VERÃO DE 1977

O mundo de Victoria foi pela primeira vez abalado quando Caitlin Somers se aproximou da carteira dela, pousando na beira do tampo e dizendo: «Vix...» O som era o do nome de uma flor bonita, aveludado e suave e nada que fizesse recordar um descongestionante nasal¹. Caitlin vinha transferida da escola básica de Acequia Madre, tendo chegado logo a seguir às férias do Natal, diretamente de Aspen para Santa Fé. Toda a gente da turma do sexto ano de Vix se apaixonou de imediato pela recém-chegada. E não apenas devido à sua aparência, cabelo claro e ondulado, pele acetinada e olhos de um azul marinho que pareciam ter a profundidade do mar. Ela foi a primeira da turma a dizer publicamente «porra» sem ser castigada. E não houve um professor, nem qualquer outro adulto, que pudesse acreditar que da linda língua cor-de-rosa que ela tinha eram capazes de sair palavras dessas. E depois ainda havia o sorriso e as gargalhadas.

Vix era demasiado tímida e calada para sequer se atrever a dizer o nome dela. Deixava-se ficar sentada a venerá-la de longe enquanto

¹ *Vix*, como abreviatura de Victoria, pode ser pronunciado como *Vicks*, de Vicks Vaporub, marca de produtos para a tosse e para o congestionamento nasal (*N. T.*).

os outros lutavam entre si para poderem estar com Caitlin e se sentarem na carteira ao lado da dela. Por isso Vix até pensou que se tinha enganado quando Caitlin lhe perguntou: «Queres ir comigo no verão?»

Vix tinha calças à boca de sino puídas e uma *T-shirt* com nódoas de sumo e o cabelo amarrado num rabo-de-cavalo feito com pouca destreza. A face esquerda estava mascarrada de lápis. Vix teve a certeza de que até estava a ouvir uma canção dos Abba como pano de fundo enquanto Caitlin lhe dirigia a palavra. «*Dancing Queen*», a rainha do baile... Não percebeu quase nada do que Caitlin lhe disse, a não ser que havia uma ilha qualquer no meio do mar. O *mar*, louvado seja Deus, que ela nunca vira. Nem foi capaz de responder, certa que ficou de que era tudo um truque, uma piada, um logro. E ainda esperou ouvir os outros miúdos a rirem-se às gargalhadas apesar de já ter soado o último toque da campainha e de eles estarem todos a correr para a porta.

– Vix... – Caitlin inclinou a cabeça para o lado e a boca arqueou-se num sorriso. – O meu pai fica comigo durante o verão todo. Do dia 1 de julho ao Dia do Trabalho².

O verão todo. O raio do verão todinho! A música começou a tocar mais alto. «*You're a teaser, you turn'em on... Leave them burning and then you're gone...*...*Tu provoca-los, excita-los... Deixa-los em brasa e vais-te embora...*

– Mas eu nem nunca vi o mar... – E Vix pensou que estava a ser estúpida ao dizê-lo, como se nem controlasse as palavras que lhe saíam da boca.

– Mas como é que é possível, nos nossos dias, que nunca tenhas visto o mar? – perguntou Caitlin. Estava genuinamente interessada e surpreendida por haver uma pessoa que já tinha vivido doze anos sem nunca ver o mar.

Mas Vix só conseguiu encolher os ombros e sorrir. Perguntou a

² O Dia do Trabalho (*Labor Day*) é um feriado nacional nos EUA, celebrado a 3 de setembro, que assinala também o final do período de férias escolares. (*N. T.*)

si própria se Caitlin também ouvia a música e se a música a acompanhava onde quer que ela fosse. Desde essa altura, sempre que ouvia «*Dancing Queen*», Vix regressava ao sexto ano e a uma tarde cheia de sol de junho. A tarde em que uma fada madrinha agitou a varinha de condão por cima da sua cabeça e lhe mudou a vida para sempre.

Já em casa, Vix perguntou à mãe:

– Como é que é possível que, nos nossos dias, eu nunca tenha visto o mar?

A mãe, que estava a dar banho ao irmão mais novo, Nathan, olhou para Vix como se ela estivesse maluca. Nathan sofria de distrofia muscular. O corpo era pequeno e deformado. Tinham uma estrutura que lhe permitia estar sentado na banheira mas não o podiam deixar sozinho. Nathan, com sete anos, era impertinente e esperto e muito mais inteligente do que o outro irmão, Lewis, de nove anos, ou a irmã, Lanie, de dez anos.

– Que tipo de pergunta é essa? – inquiriu a mãe. – Vivemos no Novo México. A centenas de quilómetros de um oceano e a milhares de quilómetros do outro.

– Eu sei, mas é também o caso de muitas outras pessoas que, no entanto, já foram ver o mar. – Vix sabia bem por que motivo é que nunca tinham ido a nenhuma das costas. Mesmo assim, deixou-se ficar sentada no tampo da retrete, de braços cruzados e a olhar desafiadoramente para a mãe enquanto Nathan andava com os barcos às voltas na banheira, criando ondas com os movimentos dos braços.

– Este é o *meu* mar! – proclamou o irmão. Atropelava as palavras, tornando mais difícil a algumas pessoas perceberem-no. Mas não era o caso de Vix.

– Além disso, já estiveste em Tulsa – disse a mãe, como se isso tivesse alguma coisa a ver com o tema da conversa.

E sim, ela tinha estado em Tulsa, mas só uma vez, quando a avó, uma avó que Vix não fazia a menor ideia que existia, estava

moribunda. «Abre os olhos, Darlene», dissera a mãe à desconhecida da cama do hospital. «Abre os olhos e vê os teus netos.» Estavam os três alinhados à frente da mãe enquanto Nathan dormia no carrinho de bebé que lhe servia de transporte. A pessoa que era a avó olhara para Vix, Lewis e Lanie de alto a baixo sem mover a cabeça. E depois disse: «Bem, Tawny, tens andado realmente bastante ocupada.» E foi tudo.

Tawny não chorou quando Darlene morreu no dia seguinte. Vix foi ajudá-la a limpar a caravana de Darlene, onde Tawny vivera em criança. Tawny ficou com algumas fotografias antigas, uma garrafa de uísque ainda fechada e alguns cestos índios que pensou valerem alguma coisa. Mas o seu valor era nulo.

Vix nem conseguia manter-se sentada. Nunca tinha ansiado tanto por uma coisa em toda a sua vida. E estava decidida a tê-la. Havia de ir com Caitlin Somers, de uma maneira ou de outra.

– Para de te remexeres – disse Tawny, atirando-lhe uma toalha. – Seca o Nathan e prepara-o para jantar. Tenho de ir ajudar o Lewis a fazer o trabalho de casa.

– Portanto posso ir? – tornou Vix enquanto Tawny saía da casa de banho e se dirigia à entrada.

– Vou falar com o teu pai sobre isso, Victoria – respondeu-lhe Tawny, mostrando-lhe que o assunto não estava resolvido.

Tawny nunca lhe chamava Vix como as outras pessoas. *Se eu quisesse dar à minha filha o nome de um remédio para a constipação tê-lo-ia feito.* Mas seria de pensar que uma pessoa com o nome de *Tawny* pudesse ser mais flexível³.

Vix tinha estado em casa de Caitlin, que era uma casa antiga murada no Camino, uma única vez, em março, quando Caitlin convidou toda a turma para a festa dos seus doze anos. Havia

³ Tawny pode ser traduzido por amarelo torrado. E aplica-se também a certas variedades de vinho do Porto. (N. T.)

música ao vivo e um carrinho de *pizzas* com mais de uma dezena de variedades diferentes. A mãe de Caitlin, Phoebe, estava vestida em estilo índio, com uma saia comprida, botas de *cowboy* e colares roxos à volta do pescoço. O cabelo caía-lhe pelas costas, preso numa trança lustrosa. Alguns dos amigos de Phoebe também estavam presentes, incluindo o seu namorado da época, um homem com cabelo grisalho comprido, um cinto de aplicações de metal de artesanato *navajo* e botas de couro feitas à mão. Vix nunca tinha visto uma festa assim, numa casa daquelas e com adultos como aqueles.

Como presente de anos ofereceu a Caitlin um livro em branco com uma capa de bombazina azul e com uma corrente prateada como marcador. E esperava que ele fosse digno dos pensamentos e dos sentimentos de Caitlin. Vix sonhava com a possibilidade de lhe tocar no cabelo e na pele beijada pelo sol.

Vix escreveu uma carta aos pais, defendendo o seu pedido e um dos argumentos mais importante era a promessa de Caitlin de que eles não teriam de gastar um cêntimo.

Mas Tawny não acreditou. E afirmou que Caitlin vinha de uma família instável.

– Olhem só para aquela mãe... – argumentou.

– Mas nós não vamos estar com a mãe dela – contrapôs Vix. – Vamos estar com o pai dela e ele é muito estável.

– Como é que sabes?

– Toda a gente sabe. E ele vai telefonar-vos. Podem perguntar-lhe diretamente.

No fim, foi o pai de Vix que convenceu Tawny a deixá-la ir. O pai era um homem que parecia ficar surpreendido quando, ao abrir a porta, via quatro filhos barulhentos dentro de casa. Era um homem de tão poucas palavras que podia passar um fim de semana inteiro sem falar mas que, ao fazê-lo, deixava a voz ficar quase inaudível no fim de casa frase e havia sempre alguém a perguntar-lhe o que é que ele tinha dito. Mas nunca era desagradável.

Vix imaginou-se a saltar-lhe para os braços, abraçando-o com toda a força para lhe mostrar a sua gratidão, mas isso tê-los-ia embaraçado aos dois e por isso limitou-se a dizer: «Obrigada, Pai.» E ele murmurou qualquer coisa, qualquer coisa que ela não compreendeu, enquanto lhe punha a mão na cabeça.

Até então o momento mais destacado da sua infância tinha sido o fim de semana em que o pai instalara uma cabina de duche na casa de banho sem banheira do quarto dos pais. Quando o duche ficou montado e a funcionar, Vix, Lewis e Lanie pediram em unísono para o usarem primeiro. Mas o pai olhou diretamente para Vix e decretou:

– Vamos fazê-lo por ordem de idades. E a Vix é a primeira.

Como ela ficou orgulhosa nesse dia! E agradecida ao pai por ter reconhecido que ela tinha um lugar especial na família. A filha primogénita. E a mais velha das suas crianças. Uma cabina de duche amarela com uma porta de vidro. A Vix apeteceu-lhe ficar de pé debaixo da água quente para sempre. Só mais tarde é que percebeu como a casa tinha gente a mais, com janelas estreitas e altas viradas ao Norte que a tornavam escura e fria durante todo o ano, mesmo na Santa Fé de sol implacável.

Da vida anterior dos seus pais pouco sabia. Sempre que fazia uma pergunta mais pessoal à mãe, Tawny respondia:

– Não lavamos a nossa roupa suja em público.

– Mas eu não sou o público – retorquiu Vix. – Sou membro da família. Sou vossa filha.

– Mas já sabes o suficiente – disse-lhe Tawny. – Sabes o que é importante. E, além disso, a curiosidade matou o gato.

Mas a satisfação fê-lo ressuscitar, pensou Vix, sem ter a ousadia suficiente para o dizer em voz alta. Se o dissesse, Tawny ter-lhe-ia gritado: «Já chega, Victoria! Para de fazer perguntas. Não vale a pena.» Por isso desistiu de fazer perguntas. De que serviam?

Por vezes tentava imaginar Tawny no dia em que terminara o liceu, apanhando o primeiro autocarro que a levava para longe de Tulsa, viajando até ao destino mais longínquo que podia alcançar

com o dinheiro que tinha, como foi o caso de Albuquerque onde, graças às suas capacidades de datilografia e de estenografia, que Tawny lhe recordava com frequência, arranjava emprego a trabalhar para um jovem advogado. E sete anos depois ainda continuava na mesma função. Nessa altura ficou noiva de Ed Leonard, um rapaz bem educado e atraente que conheceu num baile da Base de Kirtland, da Força Aérea.

Casaram-se num julgado de paz quando ele saiu da Força Aérea. O jovem advogado, que já não era tão jovem, organizou-lhes uma festa no seu próprio pátio das traseiras. Tawny não convidou Darlene. Nem disse a Ed que a mãe estava viva.

Depois vieram os bebés mortos, três em cinco anos, nascidos antes de terem idade suficiente para respirarem sozinhos. Vix e Lanie costumavam jogar o Jogo do Bebé Morto da mesma maneira que os outros miúdos recitavam as ladainhas com associações de nomes próprios que começavam por «A, o meu nome é Alice», pronunciando os nomes que Tawny e Ed haviam escolhido para os seus bebés. *William Edward, Bonnie Karen, James Howard*. Já tinham desistido quando nasceu Vix, forte e saudável, uma verdadeira sobrevivente. Seguiram-se-lhe Lanie e Lewis. Mudaram-se para Santa Fé, onde Ed arranjou emprego como vendedor de seguros. E depois tiveram Nathan.

O pai de Vix costumava brincar sobre a maneira como chegaria ao Clube dos Milionários quando vendesse seguros no valor de um milhão de dólares num só ano. Poderia depois ganhar uma viagem a um destino de férias exótico, talvez mesmo ao Havai. Prometeu, se fosse o caso, que levaria toda a família. Vix sonhou com essas férias até a empresa seguradora se afundar e o pai ficar desempregado durante quase um ano. Tawny teve a sorte de conseguir ficar a trabalhar para a Condessa. E mesmo depois de Ed ter arranjado outro emprego, como gerente noturno no *La Fonda*, o velho hotel da Plaza, Tawny continuou a trabalhar. «Já é suficientemente difícil viver com os nossos dois ordenados», dizia a mãe.